

**NIEP
MARX**Núcleo Interdisciplinar de Estudos e
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 30/09/2013 a 04/10/2013

TÍTULO DO TRABALHO			
Marx, inventor do sintoma			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Fernando José Fagundes Ribeiro	Universidade Federal Fluminense	UFF	Professor DE
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>Para além dos pareceres emitidos por Freud acerca do comunismo, é possível pensar uma afinidade mais profunda entre marxismo e psicanálise, principalmente se atentarmos para a homologia de métodos interpretativos presente nas análises de Freud e Marx. Segundo Lacan, anteriormente ao advento da psicanálise, pertence a Marx a invenção do sintoma, não no sentido “hipocrático” da medicina tradicional, mas à maneira da conversão histérica apresentada pelos pacientes de Freud. Como compreender esta utilização marxista da noção de sintoma no campo da análise social? De que modo ela nos permite depreender o estatuto do proletariado no capitalismo? Como ela se relaciona com fenômenos como o fetichismo da mercadoria? Assumindo premissas da lógica hegeliana subjacente às construções de Lacan, em seu texto “Por que Marx inventou o sintoma” Slavoj Zizek nos oferece respostas a essas questões.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Sintoma; ideologia; fetichismo			
ABSTRACT			
<p>Beyond the opinions of Freud about communism, it's possible think one more deep affinity between Marxism and psychoanalysis, mainly if we observe the homology of interpretative methods in the analysis of Freud and Marx. For Lacan, before the approach of psychoanalysis, belongs to Marx the invention of symptom, not in the sense “hyppocratic” of the tradicional medicine, but in the manner of the histerical conversion showed by the Freud's patients. How to understand this marxist utilization of the notion of symptom in the field of social analysis? How it allow us to infer the statute of proletariat in the capitalism? How it links with phenomenons like the fetichism of comodatit? Taking over premises of the Hegelian logic underlying lacanian constructions, in his paper “Why Marx invented the symptom” Slavoj Zizek give the answers for this questions.</p>			
KEYWORDS			
Symptom; ideology; fetichism			
EIXO TEMÁTICO			
Marx e a crítica da filosofia			

Marx, inventor do sintoma

Fernando Fagundes Ribeiro – Prof. Filosofia da UFF

As passagens em que Freud comenta o comunismo não são aquelas que nos ensinam mais acerca da relação entre marxismo e psicanálise. Limitando-nos às análises do *Mal-estar na Civilização*, duas passagens com referências diretas de Freud ao tema podem ser assinaladas. Na primeira, o comunismo é tomado como um projeto universalista baldado de saída, como o cristianismo, já que mesmo a equânime distribuição da propriedade privada não bastaria para apaziguar as contradições inerentes à vida pulsional, regida pela oposição fundamental entre Eros e Tânatos. No entender de Freud, a hostilidade primária entre os homens não será jamais sanada, sequer pela ação voltada para interesses comuns, como o trabalho, e sempre exigirá grande dispêndio da civilização no sentido de a ela impor limites. Na verdade, a própria tarefa pacificadora assumida pelo Estado com vistas a prevenir os excessos de agressividade dos indivíduos não só reproduz em larga escala a violência que visa debelar, como se revela impotente, em última instância, para eliminar suas formas mais cautelosas e sutis. Enfim, suprimir pura e simplesmente a propriedade privada, como querem os comunistas, não seria capaz de promover a concórdia entre os homens, uma vez que a violência não foi por ela engendrada, mas lhe pré-existe, assim como os conflitos decorrentes da volúpia sexual. Para Freud, as pulsões agressivas, como aquelas que envolvem a disputa pela posse de bens, atravessam a humanidade desde o tempo pré-histórico e se manifestam já desde a infância.

Contudo, em outra passagem, próxima da conclusão do livro, numa perspectiva bem mais histórico-política, Freud anui com a ideia de que uma distribuição mais justa dos recursos materiais na sociedade seria capaz de promover, sim, se não a paz perpétua, ao menos uma minoração não negligenciável de seu mal-estar. Ele chega mesmo a afirmar que

“Parece-me fora de dúvida que uma real mudança nas relações das pessoas com a propriedade será de maior valia (*para a minimização do Mal-estar*) do que qualquer mandamento ético”.¹

Além dessa menção explícita, pode-se apontar para uma afinidade implícita entre certos comentários do *Mal-estar* e do *Manifesto comunista*, no que diz respeito à crítica comum do ideal de progresso. Para Freud, assim como para Marx e Engels, a revolução industrial, que acenara com a possibilidade de minimização do Mal-estar social através da disseminação dos benefícios da tecnologia e do incremento da produção, terminou por gerar novos e graves problemas, em lugar de

¹ Mal estar na Civilização, p.91.

soluções efetivas. Por exemplo, se damos graças ao telefone por encurtar as distâncias que nos separam dos entes queridos é por que esquecemos que foi graças às estradas de ferro que eles vieram a se deslocar para longe. Algo análogo ocorre hoje com a difusão do automóvel, que traz como contrapartida direta o aumento do índice de acidentes e a degradação do espaço urbano, para não falar das guerras globais fomentadas pelas ameaças de crise de abastecimento de combustível. De forma análoga, Marx salienta que a produção voltada para o mercado, com a concomitante explosão do consumo, acabou por gerar muito mais necessidades do que satisfaz. Como se vê, tanto Freud quanto Marx problematizam o ideal moderno de que a ciência e o capitalismo supririam as carências fundamentais do homem, que muito pelo contrário se viram ampliadas ao longo dos séculos XIX e XX.

Muitos pensadores marxistas, por sua vez, não se esquivaram de emitir pareceres acerca da psicanálise, desde os críticos a ela, que repetindo uma espécie de “mantra historicista” não enxergam na obra de Freud senão a indevida elevação ideológica da família burguesa ao estatuto de célula universal do desejo, até aqueles que, numa atitude oposta, propõem uma articulação entre a exploração do proletariado e a repressão sexual. Para esses pensadores freudo-marxistas pois, a revolução política deveria ser acompanhada, necessariamente, de uma revolução sexual.

Tais pontos de vista gerais acerca das relações possíveis entre marxismo e psicanálise passam ao largo, porém, de uma outra maneira de se relacionar o pensamento de Marx e Freud, que põe em relevo, sobretudo, a *forma* de análise empreendida nessas concepções. Em seu artigo *Como Marx inventou o sintoma*, retomando um comentário de Lacan no seu *Seminário XVI*, Slavoj Žižek sustenta a tese de uma *homologia formal de métodos interpretativos* entre a análise da mercadoria de Marx e as formações do inconsciente abordadas por Freud, tais como sonhos e sintomas histéricos. Tendo em vista esse horizonte teórico, trataremos aqui da interpretação marxista do proletariado como *sintoma* do capitalismo, segundo a lógica do universal que acarreta sua exceção inerente, e do fetichismo da mercadoria como *sintoma* de um deslocamento, ocorrendo à maneira de uma conversão histórica.

A dialética sintomal

Num texto de 1851, o poeta Baudelaire descreve com melancólica beleza a situação real do proletariado de sua época, que subsiste despojado de recursos e de forma degradada, à margem da sociedade, como uma espécie de dejetos sintomático:

“Seja qual for o partido a que se pertença, é impossível não ficar emocionado com o espetáculo desta população doentia, que engole a poeira das fábricas, que inala partículas de algodão, que deixa penetrar seus tecidos pelo alvaiade, pelo mercúrio e por todos os venenos necessários para a realização dos produtos... Esta população espera os milagres a que o mundo lhe parece dar direito; sente correr sangue purpúreo nas veias e lança um longo olhar carregado de tristeza à luz do sol e à sombra dos grandes parques”².

Em um de seus discursos pronunciado em 1856, para uma platéia de chartistas londrinos, Marx alude ao que seria a seus olhos o grande acontecimento do século XIX: a expansão da revolução industrial acompanhada da ampliação da miséria.

“por um lado, passaram a existir forças industriais e científicas que nenhuma época anterior da história humana sequer suspeitara. Por outro lado, há *sintomas* de decadência que em muito superam os horrores dos últimos tempos do império romano.”³

Como compreender, à luz da psicanálise, esta utilização por Marx do termo “sintoma”, aplicado ao campo social? E se tomássemos a utilização desse termo como marcado por uma significação antecipadora de seu uso pela psicanálise? Em que ela consiste mais propriamente, em distinção ao sintoma tratado na medicina?

Levando a sério o emprego do termo sintoma por parte de Marx e assumindo a dialética subjacente às construções de Lacan, Slavoj Žižek propõe respostas a essas questões. Tal dialética se baseia, resumidamente, na idéia de que toda a universalidade termina por engendrar uma exceção “sintomática”, um elemento em excesso que ao mesmo tempo a contradiz e suplementa, fornecendo ao campo do universal ideológico seu fechamento possível. Enquanto a posição neurótica insiste em perceber nesse elemento uma perturbação contingente e exterior, o processo psicanalítico deve levar a se perceber no sintoma patológico a exteriorização da divisão inerente ao sujeito. No caso de Marx, a divisão inerente ao corpo social, dissimulada pela fantasia ideológica dos ideais universalistas dos direitos e deveres burgueses, detém o nome de luta de classes, e traz como seu sintoma o proletariado.

“Como podemos, então, definir o sintoma marxista? Marx “inventou o sintoma” (Lacan) mediante a identificação de uma certa fissura, de uma assimetria, de um certo desequilíbrio “patológico” que desmente o universalismo dos “direitos e deveres” burgueses. Esse desequilíbrio, longe de anunciar a “realização imperfeita” desses princípios universais - isto é, uma insuficiência a ser abolida pelo desenvolvimento ulterior -, funciona como seu momento constitutivo: “sintoma”, estritamente falando, é um elemento particular que subverte seu próprio fundamento universal, uma espécie que subverte seu gênero. Nesse sentido, podemos dizer que o método marxista elementar da “crítica da ideologia” já é “sintomático”: ele consiste em detectar um ponto de ruptura *heterogêneo* para um dado campo ideológico e, ao mesmo tempo, *necessário* para que esse campo consiga seu fechamento, sua forma acabada.”⁴

² O trecho é citado por Walter Benjamin no ensaio “Sobre a Modernidade”.

³ Citação retirada do texto de Paulo Vidal, intitulado “Marx não sem Lacan”.

⁴ Mapa da ideologia p. 306.

A perspicácia “psicanalítica” de Marx, segundo Zizek, consistiu em perceber na miséria “não integrada” ao corpo social menos a figura do outro estrangeiro do que o sinal da inconsistência desse corpo social ele próprio, de sua divisão inerente, cujo sintoma lhe suplementa à maneira de uma “exclusão interna”. Ocorre algo semelhante hoje com o recrudescimento do chamado “fundamentalismo religioso”, que analistas tendem a interpretar como a insistência de uma mentalidade arcaica quando ele é de fato sintoma do colapso da modernização⁵. Segundo Marx, de fato, a miséria e a servidão do proletariado como exceção sintomática decorrem da universalização ideológica das premissas mais gerais do capitalismo, como na expansão das liberdades individuais propalada pela democracia burguesa:

“Esse processo implica, pois, uma certa lógica da exceção: todo Universal ideológico - por exemplo, a liberdade, a igualdade - é "falso", na medida em que necessariamente inclui um caso específico que rompe sua unidade, que expõe sua falsidade. A liberdade, por exemplo: é uma noção universal que abrange varias espécies (liberdade de fala e de imprensa, liberdade de consciência, liberdade de comercio, liberdade política etc), mas também, por uma necessidade estrutural, uma liberdade específica (a do trabalhador vender livremente sua força de trabalho no mercado), que subverte essa noção universal. Ou seja, essa liberdade é o próprio oposto da liberdade efetiva: ao vender "livremente" sua força de trabalho, o trabalhador perde sua liberdade - *o conteúdo real desse livre ato de venda é a escravização do trabalhador ao capital*. O aspecto crucial, é claro, é que essa liberdade paradoxal, a forma de seu oposto, é precisamente o que fecha a círculo das "liberdades burguesas".⁶

Outro exemplo dessa lógica paradoxal do universal que engendra sua exceção *sintomal* diz respeito à colocação em equivalência geral das mercadorias, esse “ideal do mercado”. Quando nas sociedades pré-capitalistas predominava ainda a “produção natural”, os produtores eram donos de sua produção e ofereciam seus produtos pelo valor pleno. Mais tarde, quando o mercado passa a ditar o ritmo da produção e o valor dos produtos e os trabalhadores, sem os meios de produção, passam a ter unicamente como mercadoria a sua força de trabalho, dá-se a exploração, a apropriação da mais valia, que redundando na negação da equivalência universal. Um aspecto crucial que não se pode perder de vista aqui é que essa negação é *estritamente interna* à troca de equivalentes. Na verdade, baseia-se na sua expansão, e não na sua simples violação:

“a força de trabalho não é explorada no sentido de seu pleno valor não ser remunerado; em princípio, pelo menos, a troca entre o trabalho e o capital é plenamente equivalente e equitativa. O problema é que a

⁵Cf. as análises de Zizek de “Em defesa das causas perdidas”. “O anverso necessário da modernidade é a “crise do sentido”, a desintegração do vínculo, a até da identidade, entre Verdade e Significado.” (...) “a única maneira que algumas sociedades encontraram para evitar o desmoronamento total foi erigir, em pânico, o escudo do “fundamentalismo”, a reafirmação incestuosa-delirante-psicótica da religião como visão direta do Real divino, com todas as consequências apavorantes que essa reafirmação traz consigo”. p. 52-53. Foucault segue uma linha de análise próxima, ao comentar a revolução conservadora no Irã.

⁶ Mapa da ideologia, p. 306

força de trabalho é uma *mercadoria peculiar*, cujo uso - o trabalho em si - produz uma certa mais valia, e esse excedente que ultrapassa o valor da própria força de trabalho é apropriado pelo capitalista.”⁷

Ou seja: assim como a expansão do universal ideológico da liberdade engendrara o seu oposto, a servidão, a expansão puramente “quantitativa” da equivalência entre as mercadorias termina por gerar uma “qualidade” nova, isto é, a mais valia como excesso gerador de desequilíbrio, de negação mesma da equivalência.

“uma mercadoria nova que representa a negação interna do princípio da troca equivalente de mercadorias; em outras palavras, *ela acarreta um sintoma*.”⁸

Segundo Zizek, o socialismo utópico consistiria na crença “idealista” de que seria possível uma universalidade meramente quantitativa, que não produzisse esse “ponto de exceção que funciona como sua negação interna.”

Aqui, podemos depreender o essencial da crítica marxista-zizekiana à concepção de uma sociedade consistente, que funcionaria à maneira de uma totalidade orgânica e harmoniosa. Ela eclipsa o proletariado como o “ponto de desrazão da própria razão”, seu elemento de “exclusão interna”, ou de “extimidade”, para empregarmos um neologismo de Lacan⁹. Enquanto numa perspectiva fantasmática de “direita” a sociedade é tomada como uma coisa em si endo-consistente, ameaçada “de fora” pelo inimigo externo (imigrantes, negros, índios, miseráveis de toda a espécie, que surgem não se sabe de onde), a “esquerda” assume a divisão como imanente à sociedade, reconhecendo na miséria do proletariado algo da sua verdade: o caráter *real* da “luta de classes”. O termo “luta de classes” marca o fato de não se tratar de uma contradição entre dois conjuntos existindo numa relação de externalidade um ao outro, mas de uma clivagem própria ao corpo social como tal, tomado como sujeito, não como substância ontologicamente íntegra.

Sintoma e fetiche

No intuito de precisar melhor a atribuição lacaniana da invenção do sintoma a Marx, distinguindo-o do sintoma “hipocrático” da medicina, Zizek alude a uma outra utilização do termo sintoma, presente na análise lacaniana da passagem histórica observada entre o fetichismo da relação entre os homens nas sociedades pré-modernas, altamente hierarquizadas, ao fetichismo da mercadoria observável nas sociedades capitalistas. Estas últimas teriam substituído a primeira forma de fetichismo de forma a possibilitar a experiência da liberdade, num mundo onde todos são iguais, ao menos de direito. Contra a tese de que o homem teria se reificado na época do capitalismo,

⁷ Mapa da ideologia p. 307

⁸ Mapa da ideologia p. 307

⁹ Analogamente, a psicanálise também rejeita as terapias que apostam na substancialidade fundamental do Eu. Lá onde se supõe imaginariamente uma substância, o tratamento aponta, hegelianamente, para a divisão constitutiva do sujeito.

ocorre, bem ao contrário, que ele se liberou, ou pelo menos passou a se experimentar como livre (embora obedecendo, no seu cotidiano, às leis “anônimas” do mercado).

Em outras palavras, a tese de Lacan é de que as relações de dominação “fetichizadas” entre os homens, existentes nas sociedades feudais, teriam sido recalçadas no capitalismo e se *deslocado*, à maneira de um sintoma de conversão histérica¹⁰, para uma relação de dominação entre coisas, como ocorre com o “fetichismo das mercadorias”, na sociedade que produz para o mercado. Esta operação possibilitou que na esfera privada os indivíduos “modernos” viessem a se pensar como livres e autônomos. Em suma, foi o princípio da livre troca que tornou possível, no interior do capitalismo, a ideia da liberdade.

O fetichismo da mercadoria consiste em se atribuir valor a uma coisa à maneira de uma propriedade natural, isto é, às expensas das relações sociais efetivas, e desiguais, que a constituíram.

“O valor de uma certa mercadoria, que de fato é a insígnia de uma rede de relações entre produtores de diversas mercadorias, assume a forma da propriedade quase “natural” de outra coisa mercadoria, o dinheiro: dizemos que o valor de uma certa mercadoria é tal ou qual quantidade de dinheiro.”¹¹

Essa elevação de um elemento particular ao estatuto de fonte “absoluta” do valor caracteriza o fetiche, para Marx e para Freud.¹² Para Zizek, o aspecto essencial do fetichismo repousa no

¹⁰ Nota acerca do sintoma em psicanálise. Os sintomas de que trata Freud são o resultado de um conflito gerado pela libido insatisfeita, frustrada na realidade, que busca metas alternativas para se satisfazer, tomando o caminho “facilitado” da regressão. Em seu texto *A formação dos sintomas*, Freud observou na clínica que tal “regressão”, necessária para se driblar as repressões e rejeições duramente impostas pela realidade, se fixava nas “experiências da sexualidade infantil, nas tendências parciais abandonadas, nos objetos de infância que foram deixados”. Os sintomas são “atos prejudiciais, ou, pelo menos inúteis à vida da pessoa, que por vezes, dele se queixa como sendo indesejados ou causadores de sofrimento.” Eles exigem um grande dispêndio de energia psíquica, provocando em muitos casos o empobrecimento da pessoa para as tarefas urgentes da vida. Mas o aspecto mais curioso, e que serve para distinguir o sintoma médico do psicanalítico, é que o sintoma na psicanálise não encontra nenhuma base orgânica, sendo interpretado por Freud num primeiro momento como algo da ordem de uma “mensagem cifrada”, encenada pelo corpo, mensagem que encontra barreiras para ser formulada diretamente. O sintoma porta uma verdade acerca do desejo do sujeito, uma verdade dolorosa e que deve estar escondida por ele de si mesmo, de forma inconsciente. Um exemplo típico de sintoma conversivo histérico é o caso da jovem que, no dia de sua primeira festa, ao se dar conta de que vai ser beijada pela primeira vez pelo namorado, produz uma ferida no lábio. É uma forma de expressar, no corpo, o impasse de seu desejo, dividido entre a ânsia do namorado e as recomendações dos pais. Tal como os sonhos, os sintomas são, portanto, numa primeira análise, formações de compromisso entre as exigências da libido fixada nas fases anteriores de sua evolução e o Eu, que visa adaptar-se ao mundo “mantendo as aparências”. O eu se escandaliza com o “lado selvagem”, ou mais simplesmente “infantil”, da subjetividade, e busca negá-lo ou pelo menos torná-lo compatível com a moral social, com o regime de reconhecimento intersubjetivo. De todo modo, a genialidade de Freud foi ter percebido na conversão histérica uma forma de pensamento, de impasse lógico *deslocado para a materialidade do corpo*.

¹¹ Mapa da ideologia 308

¹² No caso da psicanálise, os fetiches podem ser objetos agregados ao corpo ou até mesmo partes do corpo do outro que “desmentem sua castração”, isto é, são tomados como dotados de um valor libidinal intrínseco, que servem para “organizar” a estrutura fantasmática do desejo, como pompons, botas de látex, pés, cabelos, nádegas, e por aí vai. Eles são eleitos como objetos que ocupam, por metonímia, o lugar da falta no outro. O fetiche tem uma estrutura diferente do sintoma, que recalca uma verdade desconhecida do sujeito e revelada na interpretação. O fetiche, por sua vez, não oculta nada. Todos sabemos que não há nada demais numa calcinha, que ela é apenas um pedaço de tecido, mas mesmo assim... Em suma, enquanto no sintoma conversivo histérico estamos às voltas com um saber recalçado, que retorna no teatro do corpo, o fetiche consiste numa crença inconsciente objetivada “fora de mim”, e que persevera imune à interpretação.

“desconhecimento estrutural”, por meio do qual uma rede de relações se transfigura no valor imediato de um elemento considerado isoladamente. O valor de uma mercadoria passa a se definir desde então por reflexão frente a essa singular mercadoria, o dinheiro, por exemplo, como um homem só reconhece a sua identidade ao se reconhecer em outros homens.

“De certa maneira – diz Marx – dá-se com o homem o mesmo que com as mercadorias. Uma vez que ele não vem ao mundo nem com um espelho na mão, nem como um filósofo fichteano para quem “eu sou eu” seja suficiente, o homem se vê e se reconhece, inicialmente, nos outros homens.”¹³

Como observa Zizek, essa passagem evoca diretamente o texto de Lacan sobre o estágio do espelho, onde a constituição da unidade do eu na criança é antecipada pela visão da unidade do corpo próprio refletida num espelho. Tal alienação “reflexiva” de si se acha na base da constituição do Eu imaginário, ou seja, da representação que tenho do mim mesmo. Daí a célebre formulação da psicanálise lacaniana, de que o Eu é antes de tudo “externo” ao sujeito, de que o Eu é um Outro. Afinal, sou o que sou a partir da maneira segundo a qual sou visto e tratado pelos outros, mesmo que me tome reflexivamente como uma personalidade autônoma independente. Marx ele próprio, aliás, num comentário do Capital acerca da lógica de Hegel, já abordara tais categorias reflexivas que operam uma espécie de “inversão”. Assim, ser Rei não se define por algum atributo metafísico de um homem ungido por Deus, mas pelo comportamento material, empírico, dos seus súditos que o tratam como tal ainda que num segundo momento a obediência seja tomada, de forma invertida, como uma consequência do fato - tomado como “absoluto” - do rei ser Rei. Zizek reporta, acerca disso, uma divertida nota de Lacan em seu seminário 3, sobre as psicoses, onde o psicanalista afirma que “um louco que se acredita Rei não é mais louco do que um Rei que se acredita Rei – ou seja, que se identifica com o mandato de Rei”¹⁴.

Zizek destaca que seria equívoco considerar que tais modalidades de fetichismo – entre homens e entre coisas – venham a coexistir. Como dissemos, nas sociedades onde impera o fetichismo das mercadorias, assiste-se de fato a uma ampla *desfetichização* da relação entre os homens, cada qual atuando segundo o seu interesse egoísta. No capitalismo

“A forma predominante e determinante de suas inter-relações não são a dominação e a servidão, porém um contrato entre pessoas livres, que são iguais aos olhos da lei. Seu modelo é a troca mercantil: no mercado, dois sujeitos se encontram numa relação livre de todo o fardo da veneração do Senhor e da proteção e cuidado do Senhor com os seus súditos; (...) cada qual age como bom utilitarista; o outro está livre de qualquer aura mística; tudo o que ele vê no parceiro é um outro sujeito que visa seus próprios interesses e que só lhe interessa na medida em que possui algo – uma mercadoria – capaz de satisfazer alguma de suas necessidades.”¹⁵

¹³ Mapa da ideologia 308-309

¹⁴ Mapa da ideologia p. 309

¹⁵ Mapa da ideologia, p. 310

Enfim, na perspectiva marxista/psicanalítica de Lacan/Zizek, tudo ocorre como se a relação fetichizada de dominação e servidão entre os homens, presente nas sociedades feudais, retornasse “corporificada”, à maneira de uma conversão histórica, no fetichismo da mercadoria das sociedades capitalistas. Tal deslocamento, que implica a retirada de cena do Senhor feudal, recalca o que se passa ao nível das relações de produção efetivas, tornando-as “não imediatamente transparentes”, sob o fantasma ideológico da igualdade, liberdade e fraternidade, com o qual a sociedade burguesa se aparelha contra o real *sintomal* da dominação.

“É preciso buscar a descoberta do sintoma na maneira como Marx concebeu a passagem do feudalismo para o capitalismo. Com o estabelecimento da sociedade burguesa, as relações de dominação são *recalcadas*: formalmente, parecemos estar lidando apenas com sujeitos livres, cujas relações interpessoais estão isentas de qualquer fetichismo; a verdade recalcada – a da persistência da dominação e da servidão – emerge num sintoma que subverte a aparência ideológica da igualdade, liberdade, e assim por diante. Esse sintoma, o ponto de emergência da verdade sobre as relações sociais, são precisamente as “relações sociais entre as coisas” – aí temos uma definição precisa do sintoma histórico, da “histeria de conversão” que é própria do capitalismo.”¹⁶

Conclusão

Malgrado querelas de superfície que ora aproximam, ora opõem marxismo e psicanálise, Zizek assinala uma comunidade mais profunda entre ambos no que diz respeito ao método interpretativo empregado no diagnóstico dos sintomas sociais e individuais. Não se trata aqui, evidentemente, do sintoma no sentido hipocrático, de que trata a medicina, mas de uma dialética particular segundo a qual o universal engendra a sua própria exceção. Essa lógica “negativa” vislumbrada por Marx e Freud, passa ao largo da causalidade linear “positiva” em obra nas ciências humanas e sociais tradicionais. Levando-se em conta essa homologia formal, e dela extraíndo as devidas conseqüências, marxismo e psicanálise surgem não como doutrinas ultrapassadas, cuja aliança não seria mais do que improvável, mas como formas de pensamento colaborativas e de insuspeita originalidade.

Bibliografia

- Freud – Mal estar na civilização, Penguin e Companhia das letras, 2011
Formação dos sintomas, Obras completas, Imago, 1969.
Vidal - Marx não sem Lacan, sem referência.
Benjamin – Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo, Brasiliense, 2000.
Lacan - Seminário XVI, Zahar, 2008.
Marx e Engels – O manifesto comunista, Boitempo.
Marx – O Capital, Boitempo.
Zizek – Por que Marx inventou o sintoma in Mapa da ideologia, Contraponto, 1996.

¹⁶ Mapa da ideologia, p. 310.